

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM DOCÊNCIA NA

Maria Cristina Ferreira Alves Oliveira

Organizando o espaço e o tempo para chegada das crianças aos seis anos no
Ensino Fundamental

Belo Horizonte
2015

Maria Cristina Ferreira Alves Oliveira

**Organizando o espaço e o tempo para chegada das crianças aos 6 anos no
Ensino Fundamental**

**Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização apresentado como
requisito parcial para a obtenção do
título de Especialista em Processos
de Alfabetização e Letramento, pelo
Curso de Pós-Graduação Lato
Sensu em Docência na Educação
Básica, da Faculdade de Educação/
Universidade Federal de Minas
Gerais.**

**Orientador(a): Gilcinei Teodoro
Carvalho**

Belo Horizonte

2015

Maria Cristina Ferreira Alves Oliveira

**Organizando o espaço e o tempo para chegada das crianças aos 6 anos no
Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Processos de Alfabetização e Letramento, pelo Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Docência na Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador(a): Gilcinei Teodoro
Carvalho

Aprovado em 09 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Gilcinei Teodoro Carvalho

Nome orientador – Faculdade de Educação da UFMG

Camila Sequetto Pereira

Nome do Convidado – Faculdade de Educação da UFMG

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus;
Aos meus queridos:
Marido Gilson e Minha mãe Hilda;
Filha, Lívia
estudantes, turma 11B
professores, FaE/UFMG e E.M. Florestan
Fernandes
cursistas, meninas e meninos do Laseb...

RESUMO

Este estudo sobre a organização do espaço físico na turma de seis anos do Ensino Fundamental em uma escola municipal pública teve como objetivo buscar compreender como se dá a chegada destas crianças no Ensino Fundamental, além de investigar como se dará o processo de alfabetização destas crianças de maneira lúdica, respeitando a faixa etária e o desenvolvimento cognitivo. O espaço da sala de aula foi organizado de forma diferenciada, utilizando as Estações de aprendizagem: Linguística, Faz de Conta, Matemática e Artes, proporcionando aos alunos uma maior interação no espaço e possibilitado ao professor um trabalho com grupos menores podendo conseguir acompanhar de perto o desenvolvimento dos alunos e em alguns momentos também agrupando os alunos em níveis diferenciados fazendo com que um aluno pudesse auxiliar o outro. O primeiro passo foi reorganizar o espaço da sala da turma do primeiro ano pensando nos artefatos culturais que seriam necessários para cada espaço tendo em vista que alguns artefatos eram comuns entre as estações. A montagem das estações de aprendizagem e a vivência na prática com os alunos permitiram constatar que o trabalho nas estações, mesmo que no início seja muito difícil, no decorrer do ano possibilitou um acompanhamento mais de perto do desenvolvimento dos alunos pela professora e uma interação maior entre as crianças e principalmente a garantia do direito de aprender brincando.

Palavras-chaves: A organização do tempo e espaço na sala de aula; Estações de aprendizagem.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1:	Combinados da turma	18
Figura 2:	Cantinho da Leitura	20
Figura 3:	Foto -Boliche do alfabeto	22
Figura 4:	Foto -Boliche do alfabeto	22
Figura 5:	Parlenda 1,2 Feijão com Arroz	23
Figura 6:	Foto – Brincando no Supermercado	26
Figura 7:	Foto – Brincando no Supermercado	26
Figura 8:	Foto – Brincando no Supermercado	26
Figura 9:	Foto – Dia do Brincar	27
Figura 10:	Foto – Dia do Brincar	27
Figura 11:	Foto – Dia do Brincar	28
Figura 12:	Foto – Dia do Brincar	28
Figura 13:	Foto – Jogo das quantidades	29
Figura:14	Foto – Contando com tampinhas	30
Figura 15:	Foto – Brincando de Quebra-Cabeças	30
Figura 16:	Sucatas trazidas pelas crianças	31
Figura 17:	Atividade de dobradura	33
Figura 18:	Brincando de massinha	34
Figura 19:	Brincando de massinha	34
Figura 20:	Atividade de dobradura – Barquinho de Papel	35

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	
INTRODUÇÃO.....	10
Capítulo 1	
A criança aos seis anos no Ensino Fundamental.....	12
Capítulo 2	
A organização dos tempos e espaços na turma do 1º ano do Ensino Fundamental.....	14
Capítulo 3	
Os espaços na turma do 1º ano: Reorganizando as salas em Estações de aprendizagem.....	16
Capítulo 4	
Descrição da prática na Estação Linguística.....	19
Capítulo 5	
Descrição da prática na Estação do Faz de Conta.....	25
Capítulo 6	
Descrição da prática na Estação Matemática.....	29
Capítulo 7	
Descrição da prática na Estação das Artes.....	33
CONCLUSÃO.....	36
REFERÊNCIAS.....	38

APRESENTAÇÃO

Durante cinco anos trabalhei como Assessora Pedagógica no Movimento de Luta Pró-creches de Belo Horizonte, onde participei das várias discussões políticas relacionadas à Educação Infantil e também fiz parte de uma formação promovida pela Universidade de Ryerson de Toronto no Canadá, com o Projeto POC - Pelos Olhos da Criança - que teve como objetivo capacitar um grupo de 25 Coordenadoras Pedagógicas das creches conveniadas, possibilitando a ampliação do nosso olhar para o trabalho desenvolvido com as crianças pequenas. Conhecemos, nesta ocasião, a Teoria das Múltiplas inteligências e também a abordagem Educacional de Reggio Emília onde melhoramos a nossa prática nas salas de Educação Infantil reorganizando os espaços em 'cantos' levando em consideração as múltiplas inteligências e denominando - O Ambiente como segundo professor, um dos tópicos da abordagem de Reggio Emília. Daí surgiu a motivação para a proposta de trabalho com o tema a "Organização do Espaço físico e do tempo para a turma do 1º ano no Ensino Fundamental e a alfabetização" tendo em vista que, em Minas Gerais, a Lei 20.817 estabeleceu que as crianças de seis anos completos até 30 de junho devem ingressar no Ensino Fundamental. O meu retorno para a sala de aula com uma turma do 1º ano do 1º ciclo me despertou o interesse de repensar o trabalho com meus alunos, levando em consideração minha prática na Educação Infantil e o meu desejo de propor uma prática diferente na minha turma.

Promover a leitura e a escrita na turma do 1º ano do Ensino Fundamental foi uma das minhas preocupações como professora alfabetizadora, principalmente após fazer parte do curso do PNAIC (Pacto pela Alfabetização na Idade Certa) de Língua Portuguesa. Essa participação em um programa de formação continuada ampliou meu olhar sobre a importância de alfabetizar e letrar a criança, ensinando aos alunos: as regras que orientam a leitura e a escrita, a ortografia, a compreensão das diferenças entre a escrita e outras formas gráficas, exploração da consciência fonológica.

Ao me inscrever para fazer o curso de Alfabetização e Letramento do LASEB, vislumbrei uma oportunidade de aperfeiçoar a minha prática, principalmente por estar há cinco anos na rede municipal de ensino, sendo um ano como apoio das aulas de Ciências e Educação Física, dois anos na coordenação e apenas dois anos como professora alfabetizadora. Ao participar do programa de formação continuada

PNAIC, não estava atuando diretamente na sala de aula, onde não foi possível desenvolver as atividades propostas durante o curso com os alunos, o que fomentou o meu desejo de desenvolver um trabalho coerente e adequado às necessidades dos alunos do primeiro ciclo que terei responsabilidade de trabalhar por três anos.

1. INTRODUÇÃO

Trabalhar o tema “Organizando o espaço e o tempo das crianças aos 6 anos no Ensino Fundamental” surgiu em decorrência da necessidade de acompanhamento a implementação da Lei 11.274(Brasil, 2006) que estabelece a entrada da criança aos seis anos no Ensino Fundamental.

É notória a constatação de que as escolas não estão preparadas para recebê-las, já que estariam por mais um ano na Educação Infantil. O espaço físico, a formação do professor, a organização das salas de aula (que muitas vezes são inadequadas), a faixa etária dos alunos podem ser considerados elementos que constituem a preocupação para o desenvolvimento do processo de escolarização neste segmento da Educação Infantil. Quanto à organização das salas, a maioria desses espaços são constituídos por: carteiras inadequadas para o tamanho das crianças, sendo que enfileiradas inibem o processo de troca e proximidade dos alunos, e a dinâmica de trabalho preestabelecida que requer que a criança fique sentada durante várias horas não permitindo em sua rotina as interações entre os pares, sendo que o ideal é que, segundo aponta a Carta Aberta do Fórum Mineiro de Educação Infantil: “Não é a criança que deve ser preparada para a escola, mais sim a escola que deve se preparar para receber a criança e dar a ela a melhor educação a que tem direito.”

As proposições curriculares do Ensino Fundamental da RME/BH indicam que é preciso considerar: que a incorporação das crianças de seis anos no Ensino Fundamental exige uma atenção especial na escolha dos profissionais responsáveis pelo trabalho neste ciclo e sensibilidade, compromisso e respeito com a idade da infância para o estabelecimento das capacidades e metodologias a serem desenvolvidas nessa faixa etária.

O tema da organização do espaço físico e do tempo visou favorecer que a criança fosse estimulada a construir seu próprio conhecimento, organizando assim os tempos e espaços de tal forma que contribua, facilite e promova o aprendizado em todas as áreas do currículo.

No primeiro capítulo apresentarei como a legislação e as proposições curriculares abordaram sobre a entrada da criança aos seis anos no Ensino

Fundamental. Quem é esta criança? Quais seus sonhos e desejos? Que sala de aula é adequada para receber as crianças de forma prazerosa?

No segundo capítulo será apresentada a organização dos tempos e espaços na Escola Municipal Florestan Fernandes, mostrando a dinâmica de trabalho da escola.

No terceiro capítulo será apresentada a organização da sala do 1º ano, denominada como Turma 11 B, em Estações, procurando mostrar a forma de organização dos espaços e tempo durante a rotina, e apresentando os cantos denominados em Estações: Linguística, Matemática, Artes e Faz de Conta.

Nos capítulos do quarto ao sétimo será feita a descrição da prática na sala de aula, apresentando a dinâmica do trabalho com a turma do 1º ano e, por fim, a conclusão e as referências.

Capítulo 1 - A criança aos seis anos no Ensino Fundamental

Conforme o PNE (Plano Nacional de Educação), a determinação legal (Lei nº 10.172/2001, meta 2 do ensino Fundamental) de implantar progressivamente o Ensino Fundamental de nove anos, pela inclusão das crianças de seis anos de idade, tem duas intenções: oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período de escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade.

O PNE ressalta também que as múltiplas formas de diálogo e interação são o eixo de todo o trabalho pedagógico, que deve primar pelo envolvimento e pelo interesse genuíno dos educadores em todas as situações, provocando, brincando, rindo, apoiando, acolhendo, estabelecendo limites com energia e sensibilidade, consolando, observando, estimulando e desafiando a curiosidade e a criatividade, por meio de exercícios de sensibilidade, reconhecendo e alegrando-se com as conquistas individuais e coletivas das crianças, sobretudo as que promovam a autonomia, a responsabilidade e a solidariedade.

A entrada das crianças aos seis anos no Ensino Fundamental fez com que tanto na organização das escolas como na produção de materiais didáticos, houvesse um reconhecimento do direito dessa criança a uma escolarização mais extensa, mas, também, uma alfabetização ressignificada, tendo em vista que as crianças desde que nascem constroem conhecimentos prévios sobre o sistema de representação e o significado da leitura e escrita, segundo Ceris Salete Ribas. Muitas são as questões relevantes que foram levantadas com a entrada das crianças aos seis anos no Ensino Fundamental, o que é necessário para levar a criança a avançar na aprendizagem? Sendo, que ela migrou da educação infantil para o Ensino Fundamental. *Quem é esta criança? Que momento está vivendo? Quais são os seus direitos, interesses e necessidades? Por que ela pode ou deve ingressar no Ensino Fundamental? Qual é seu ambiente de desenvolvimento e aprendizado?* Segundo Ângela Borba, da Universidade Federal Fluminense (UFF) a migração dessas crianças não pode significar que elas deixem de brincar para estudar como os mais velhos. A escola não precisa ter um cotidiano sério para ter qualidade. Brincar é um direito delas. As proposições curriculares caracterizam as crianças do 1º ciclo como não sendo um ser em passagem, ou inacabado, ou um

adulto em formação, não é um projeto do futuro. Portanto, seu “direito” de compartilhar do mundo adulto não pode representar a ausência de seu direito à infância. A criança é um agente, sujeito do presente, que tem grande capacidade de experimentar, comunicar-se, criar estratégias para sua própria orientação simbólica, afetiva, cognitiva, social e pessoal. As Proposições defendem que o 1º ciclo é um período de curiosidade, de descobertas, de imaginação, de interação social, de construções de significados e de formas cada vez mais complexas de sentir, agir, pensar, sendo por isso propício para o desenvolvimento da socialização e da aquisição de capacidades básicas, ler e escrever, compreender e fazer uso das diversas linguagens.

Ao organizar a escola por ciclo, a Escola Municipal Florestan Fernandes consegue garantir o processo de alfabetização, “tão logo as crianças chegam à escola, levando em consideração que o tempo de aprendizagem da criança de seis anos precisa ser feito em fluxos mais longos, sem rupturas e mais atentos ao avanço de suas aprendizagens” segundo Ceris Salete Ribas. Aumenta-se, assim, a responsabilidade da escola em investir na organização de uma proposta que garanta um ambiente alfabetizador, que possibilite a criança não somente ter acesso ao mundo letrado mais também interagir nele. Com isto iniciamos o processo de alfabetização e letramento no primeiro ano e somente vamos consolidar no terceiro ano. Ao realizar a avaliação diagnóstica, conseguimos perceber quais níveis de letramento e de aquisição de escrita a criança apresenta, tendo em vista que elas chegam ao primeiro ano com diferentes experiências do mundo grafocêntrico, e assim traçar um perfil da turma e definir o ponto de partida e de chegada, levando em consideração as capacidades e habilidades referentes à alfabetização e ao letramento propostas em cada etapa, segundo as proposições curriculares.

No próximo capítulo será feita a apresentação de como foram organizados os tempos e o espaço na Escola Municipal Florestan Fernandes.

Capítulo 2 - A organização dos tempos e espaços na Escola Municipal Florestan Fernandes

A Escola Municipal Florestan Fernandes, situada na Regional Norte de Belo Horizonte, atende a um número de alunos que oscila entre 400 a 500 alunos, divididos em dois turnos. No turno da manhã são atendidas crianças e adolescentes no primeiro e segundo ciclo, oriundos do Bairro Solimões e Tupi, e no turno da tarde são atendidos adolescentes do segundo e terceiro ciclo. No contraturno, a escola atende a cerca de 200 destes alunos, participantes do Programa Escola Integrada em espaço no entorno da comunidade.

A Escola surgiu como fruto da mobilização em torno do Orçamento Participativo em 1996, com forte contribuição também das lideranças do Bairro Jardim Felicidade.

No ano de 2007, assumiu a Direção da escola a ex-coordenadora no Núcleo Racial da SMED, a professora Patrícia Santana e como vice a professora Anete Viana. Em 2011, no término do mandato, haviam conseguido recuperar a autoestima e vocação da escola, avançando principalmente na implementação das Diretrizes Curriculares para Educação das Relações Raciais, amparada na lei 11.645/2008 que modificaram a lei de Diretrizes e Bases da Educação. Em 2010, a escola recebeu o Selo de Educação Para a Igualdade Racial, concebido pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial da Presidência da República e Ministério da Educação.

A escola funciona no período da manhã de 07h às 11h30, sendo distribuído em 3 horas com a professora referência, 1 hora com a de disciplina especializada, 20 minutos de recreio. No caso da turma do 1º ano, denominada como 11B, 15 alunos frequentavam a escola Integrada no contraturno.

O tempo que tive com meus alunos durante a semana foi de 15 horas distribuídas entre os conteúdos de Arte, Ciências, Língua Portuguesa/Literatura e Matemática.

O professor de disciplina especializada trabalhou com os conteúdos de Educação Física e Geo/História com um total de 5 horas semanais.

O tempo que a turma tinha para o intervalo era de 20 minutos, sendo que as turmas de seis anos podiam sair da sala com 10 minutos antes para possibilitar o

acompanhamento do lanche antes do recreio, evitando assim que a criança em função de estarem ansiosas para brincarem não merendasse adequadamente.

A turma do 1º ano, denominada como (11 B) do ano de 2014 da Escola Municipal Florestan Fernandes era composta por 23 alunos, sendo 15 meninos e 8 meninas. A maioria dessas crianças é oriunda do Bairro Solimões, onde a escola esta localizada. As crianças, com exceção apenas de um aluno, frequentaram a Educação Infantil sendo em escolas particulares, creches conveniadas e UMEIS (Unidade Municipal de Educação Infantil).

No período de adaptação, procurei realizar ações que levassem os alunos a conhecerem os espaços e os profissionais da escola. Realizei, também, várias brincadeiras para promover a interação dos alunos entre si, comigo e com a professora de Educação Física e Geo/História

A sala da turma 11 B no período da manhã era ocupada no turno oposto pela turma do 6º ano, denominada de 23 A.

As mesas eram individuais e a sua disposição na sala dependia da proposta de trabalho do grupo. Por serem individuais, as mesas permitiam diferentes rearranjos, mas não facilitavam para o tamanho das crianças que em sua maioria tendiam a ficar com as pernas no ar e, por isso, se sentavam com as pernas para cima, ou de joelhos nas cadeiras, procurando uma posição mais confortável.

A sala era ampla e possuía espaços para expor atividades dos alunos e uma bancada onde era possível organizar também os trabalhos da Estação de Artes e Faz de Conta, além da sala de aula os alunos tinham acesso à biblioteca, sala de jogos e multimídia.

O pátio da escola tem uma área coberta, mas não possuía um parquinho ou brinquedos suficientes para as crianças de seis anos.

Foi feita uma reorganização do espaço físico da turma do 1º ano do 1º ciclo no Ensino Fundamental para evidenciar como a maneira que organizamos a sala de aula pode influenciar na aprendizagem dos alunos e também de garantir a ludicidade na sala de aula, fazendo com que o ambiente se torne mais prazeroso e convidativo ao aprendizado.

Em seguida será abordado sobre a organização da sala em Estações de Aprendizagem, descrevendo a dinâmica de trabalho desenvolvido em cada uma das estações.

Capítulo 3 - O espaço na turma do 1º ano do Ensino Fundamental: organizando a sala de aula em estações de aprendizagens

Ao pensar em propor uma reorganização do ambiente da sala do 1º ano, a primeira ação foi a de solicitar que cada criança representasse através de desenhos o que eles gostariam que tivesse na sala de aula. Realizamos uma roda de conversa e, logo após a conversa, fomos reorganizar as salas em cantos, que definimos como estações de aprendizagens.

Cada estação tinha seus artefatos culturais, que tiveram como objetivo proporcionar a interação entre os pares, buscando garantir que a criança, através do brincar, pudesse, segundo Horn,

exercitar sua capacidade de compreensão e produção de conhecimento, é essencial que haja um espaço de sala de aula organizado visando esse objetivo (...) a forma que se organiza o espaço interfere de forma significativa na aprendizagem infantil.

As estações de aprendizagem ficaram assim definidas com seus artefatos culturais:

1. Estação Linguística, os artefatos culturais disponíveis eram: Quadro-negro, giz, apagador, cadernos, mesas coletivas, livros de literatura, boliche do alfabeto, alfabeto na parede, encartes de supermercados, jornais, livros didáticos e também rótulos e embalagens, jogos;
2. Estação Matemática, os artefatos disponíveis eram: Tampinhas, números de 0 a 9, boliche dos números, quadro numérico de 01 a 100, palitos de picolé, calculadora, calendário, dinheiro (florim), teclado do computador.
3. Estação das Artes, os artefatos culturais disponíveis eram: uma caixa grande com sucatas de todo tipo, além de tintas, pincéis, massinhas, barbante, tampinhas, palitos, encartes, jornais e revistas para produções.

4. Estação do Faz de Conta, os artefatos culturais disponíveis eram: Brinquedos diversos, chapéu, sapatos e o supermercado construindo junto com a turma que trouxeram as embalagens de casa.

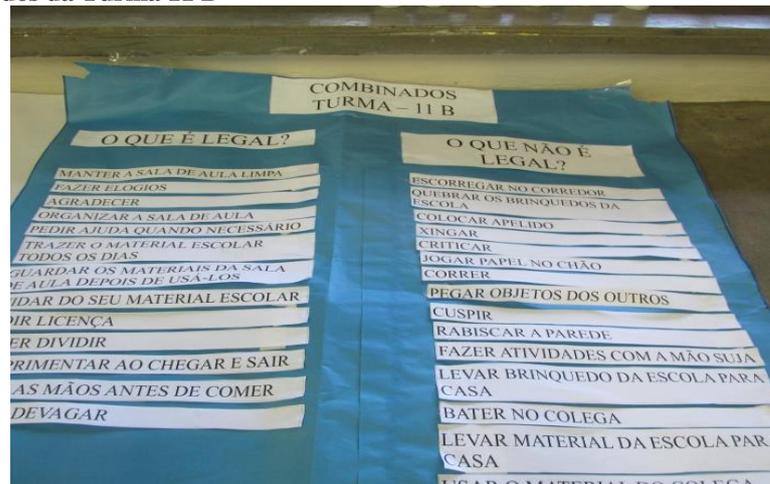
No início, não foi muito fácil organizar esta dinâmica de trabalho, construir com os alunos os combinados de forma que soubessem se portar em cada espaço foi um desafio; tínhamos que organizar o espaço diariamente, a sala era utilizada no contraturno por outro grupo de alunos que também demanda espaços nas paredes e organizavam as mesas de forma diferente da nossa. Segundo Horn (2004 p.85):

Os cantos temáticos das diferentes linguagens possibilita um entendimento de uso compartilhado do espaço, onde, ao mesmo tempo são possíveis escolhas individuais e coletiva, as quais certamente favorecem a autonomia das crianças..

O primeiro desafio apresentando foi organizar o agrupamento dos alunos, e pensar nas estratégias para sentarem em grupo. Quais os critérios? Qual a proposta de trabalho no dia?

O maior desafio foi conseguir organizar as 23 crianças buscando fazer os agrupamentos de forma tranquila, evitando o tempo de espera e contando com um mínimo de disciplina dos alunos, o que não é muito fácil. Além da conversa, que é normal nesta faixa etária, tem também os problemas de agressividade de algumas crianças e o próprio preconceito que pude observar em algumas ocasiões como: não aceitando sentar com determinada criança, conflitos relacionados à questão de gênero! O que em alguns momentos tornou a proposta inviável, pois cabe ao professor manter a calma e procurar um equilíbrio, o que na prática não é tão fácil assim, o que me fazia muitas vezes pensar em desistir, devido aos momentos de confusão gerados pelas demandas das crianças. A forma encontrada para equacionar alguns conflitos ocorridos durante os agrupamentos foi através da reflexão dos combinados que foram construídos coletivamente pela turma, tais como:

Figura 1- Combinados da Turma 11 B



Na turma do 1º ano os alunos tiveram a oportunidade de vivenciarem de perto essa experiência, de se ajudarem mutuamente, escolhendo seu próprio material e sendo ajudada na construção de sua autonomia. Ao iniciarem as aulas com a professora referência, os alunos eram divididos de acordo com a dinâmica daquele dia e a organização ficava assim: se fosse o primeiro horário da professora referência, eu organizava juntamente com os alunos, algumas vezes os deixando escolherem com quem sentar e de outras vezes sendo definindo por mim quem sentaria com quem. Quando o primeiro horário era da professora de apoio sendo aula de Educação Física, eu, como professora referência, organizava a sala para receber os alunos. A organização dos espaços em estações de aprendizagens, embora cansativa, era feita com muito empenho por mim e pelos alunos, pois

Para as crianças, o espaço é o que sente, o que vê, o que faz nele. Portanto, o espaço é sombra e escuridão; é grande, enorme ou, pelo contrário, pequeno; é poder correr ou ter de ficar quieto, é esse lugar onde pode ir olhar, ler, pensar. O espaço é em cima, embaixo, é tocar ou não chegar a tocar; é barulho forte, forte demais ou, pelo contrário, silêncio, são tantas cores, todas juntas ao mesmo tempo ou uma única cor grande ou nenhuma cor...O espaço, então, começa quando abrimos os olhos pela manhã em cada despertar do sono; desde quando, com a luz, retornamos ao espaço.(Fornero, apud Zabalza, 1998, p.231)

Nos próximos capítulos será discutida a implementação da proposta na sala do 1º ano, na Escola Municipal Florestan Fernandes.

Capítulo 4 - Descrevendo a prática na “Estação Linguística”

A Estação Linguística ocupou um espaço maior na sala. Utilizamos as paredes para fazer o quadro de meninas e meninos, o calendário do mês, o espaço da leitura, um varal de barbantes para expor os textos dos livros como: parlenda, cantigas de roda, poesias e sobre a bancada tinha a parlenda escolhida para trabalhar no projeto de alimentação – 1,2 feijão com arroz, o vizinho do alfabeto, os jogos de montar palavras, o boliche do alfabeto e debaixo da bancada o supermercado feito com os materiais coletados pelas crianças.

O principal objetivo da Estação Linguística era garantir aos alunos as capacidades/habilidades definidas nas proposições curriculares dentro dos eixos:

- Compreensão e produção de textos orais;
- Compreensão e valorização da cultura escrita;
- Apropriação do sistema de escrita;
- Leitura;
- Produção de textos escritos.

Para que isso fosse possível, foram organizadas várias possibilidades tais como:

1. Cantinho da Leitura: Proporcionar que aos alunos explorem livros literários e manuseando as obras que, em sua maioria, eram livros do Kit literário do programa de Bibliotecas, também livros da professora e quando necessário livro da Biblioteca da escola. Em alguns momentos, os livros eram escolhidos pela criança que também no decorrer do ano já trazia livro de casa e pedia a professora para contar aquele livro após o recreio. Ao ler o livro *Barquinho de Papel*, uma criança sugeriu que fizéssemos o barquinho, o que foi levado em consideração e, na aula de artes, foi feito o trabalho de dobradura do barquinho com folhas de jornal e exposto no mural da sala; O livro *Menina Bonita do Laço de Fita* foi trabalhado durante um projeto relacionado com a nossa temática da diversidade racial, onde

discutimos as diferenças. Também foi feito durante todo o ano o momento da Leitura Deleite, onde a professora, após o recreio, contava uma história para turma, proporcionando um momento de prazer para os alunos que já incorporaram em sua rotina e mesmo quando a professora porventura esquecia, sempre havia uma cobrança de alguns alunos. Após fazer a leitura do livro *O Carteiro Chegou* de Janet & Allan Ahlberg, aproveitei para explorar os vários gêneros textuais com intenções comunicativas apresentadas pelo livro já que o carteiro vai entregando cartas aos personagens dos contos de fadas. As cartas podiam ser manuseadas pelas crianças, pois eram guardadas em envelopes endereçadas a cada personagem, o que nos possibilitou explorar o gênero carta: Quem escreve? Para quem escreve? Qual a função ou finalidade de cada gênero? Se hoje ainda existem pessoas que escrevem cartas, quais os tipos de cartas que podem ser escritas. De acordo com o livro quais tipos de cartas foram escritas: (promocionais, cobranças) e cartas familiares. Logo, ao explorar as cartas do livro, propus uma produção coletiva de uma carta para ser encaminhada para as famílias, comunicando o projeto que íamos desenvolver.

Figura 2 - Cantinho da Leitura



2. Espaço dos jogos – Segundo Kishimoto, os jogos são práticas culturais que se inserem no cotidiano das sociedades em diferentes partes do mundo e em diferentes épocas da vida das pessoas. Por outro lado, eles também cumprem papéis diversos relacionados à expressão da cultura dos povos. Várias possibilidades foram feitas naquele espaço e as

crianças podiam ficar em duplas ou sozinhas, formando palavras, brincando com os jogos: o boliche do alfabeto, o alfabeto móvel e o jogo do vizinho do alfabeto, e, enquanto os alunos aprendiam na interação uns com os outros eu, como professora, tinha mais tempo para acompanhar de perto as crianças com mais dificuldades. Exploramos também a caixa de Jogos de alfabetização do MEC e UFPE/CEEL os jogos são: Bingo de Sons Iniciais, Caça-rimas, Dado Sonoro, Trinca Mágica, Batalha de palavras, Mais Uma, Troca Letras, Bingo de letra inicial, Palavra dentro de palavra e Quem escreve sou eu. Os Jogos mais significativos para os alunos foram o Bingo de letra inicial que tinha como objetivo conhecer o nome das letras do alfabeto, compreender que as sílabas são formadas por unidades menores; compreender a relação entre sons e letras; identificar o fonema inicial das palavras; estabelecer correspondência grafofônica (letra inicial e fonema inicial); Comparar palavras que possuem unidades sonoras semelhantes; perceber que palavras que possuem uma mesma sequência de sons tendem a ser escritas com a mesma sequência de letras. E o jogo palavra dentro de palavra que tinha como objetivo: Compreender que as palavras são compostas por unidades sonoras menores; perceber que palavras diferentes possuem partes sonoras iguais; compreender que uma sequência de sons que constitui uma palavra pode estar contida em outras palavras; segmentar palavras, identificando partes que constituem outras palavras. O trabalho com jogos foi de grande importância na alfabetização dos alunos, pois fizeram com que eles refletissem sobre o sistema de escrita de maneira lúdica. Segundo o manual dos jogos de alfabetização, “Nos momentos dos jogos as crianças mobilizam saberes acerca da lógica de funcionamento da escrita, consolidando aprendizagens já realizadas ou se apropriando de novos conhecimentos nessa área. Brincando eles podem compreender os princípios de funcionamento do sistema alfabético e podem socializar seus saberes com os colegas” (página 13).

Figura 3 - Boliche do Alfabeto**Figura 4 - Boliche do Alfabeto**

3. Trabalhamos também com uma parlenda específica “1,2 feijão com arroz”, criando relações interdisciplinares com as aulas de artes e ciências em um projeto sobre alimentação. Confeccionamos a parlenda em cartaz com letra caixa alta e também cada palavra em uma caixa de leite. Depois que a turma já havia decorado a parlenda foram realizadas propostas de atividades como: montagem da parlenda por duplas, distribuição das palavras da parlenda para cada aluno que deveria identificar sua palavra para montar a parlenda coletivamente na sala ou pátio da escola, cópia da parlenda para ser completada pelos alunos.

Figura 5 - Parlenda



4. Informações nas paredes e janelas da sala, os trabalhos produzidos pelos alunos ficavam expostos, assim como o alfabeto que era afixado abaixo do quadro para facilitar o campo visual dos alunos; o calendário que era preenchido diariamente pelo ajudante do dia.

5. As atividades propostas pelo livro didático *Porta Aberta Letramento e Alfabetização* de Angiolina Bragança e Isabella Carpaneda que “propõe criar situações que propiciem o desenvolvimento da sua capacidade de falar, escutar, ler e escrever de acordo com os diferentes usos e contextos” também foram realizadas. Os textos apresentados no livro foram explorados de várias formas, eram feitas a cópia para cartazes e trabalhado com os alunos procurando apresentar as modalidades de textos: parlendas, cantigas de roda, listas de frutas, textos de instruções, cruzadinhas, quadrinha do folclore, contos infantis, telas de artistas, calendário, história em quadrinhos, com objetivos de: chamar atenção para semelhança sonora e gráfica do final das palavras, localização de palavras, identificação de versos, percepção das trocas de letras que se formam novas palavras, exploração de recursos gráficos.

6. Realizamos várias atividades do livro *Consciência Fonológica – Atividades práticas* de Elizabeth Crepaldi de Almeida e Patrícia Moreira Duarte, onde segundo Meireles (2001), página xiii

Os métodos fonéticos favorecem a aquisição e o desenvolvimento da consciência fonológica, que se refere à capacidade de compreender que um determinado assunto exposto por alguém é uma sequência de sentenças que podem ser segmentadas em parte.

Realizamos várias atividades em que pudemos desenvolver desde a consciência de palavras até a consciência de fonemas. Exploramos atividades de rima com o texto *Pede cachimbo* e o *Pato tira retrato*, atividades de aliteração onde o aluno percebe palavras como mesmo som, como no texto de *Qual é a letra* de Ruth Rocha e também a consciência de sílabas com a música folclórica *O Chapéu tem 3 pontas* e a música *Abecedário da Xuxa*.

O próximo capítulo faz a descrição da Estação do Faz de Conta, onde foi uma prática de linguagem que procurou garantir, no planejamento das atividades, o direito do “Brincar” na rotina da turma.

Capítulo 5 - Descrevendo a prática na “Estação do Faz de Conta”

O Faz de Conta é de fundamental importância nesta faixa etária, pois as crianças, com as brincadeiras, se apropriam da maneira de interagir no mundo. Segundo Magda Soares (1999), *poderíamos pensar em práticas educativas na Educação Infantil e no Ensino Fundamental em que houvesse um “brincar letrando” ou um “letrar brincando”, em direção ao estabelecimento de relação de parceria entre esses segmentos da educação básica.*

Ao propor para a turma a realização do desenho do que eles gostariam que tivesse na sala, ficou nítido o desejo de ter no espaço da sala os brinquedos que eles gostavam como: Bob Esponja, Homem Aranha, bonecas, carrinhos etc.

No início, não tínhamos muitos brinquedos, mas, no decorrer do ano, conseguimos ir aumentando nossos artefatos. Primeiro, com a solidariedade da professora da turma 11A que ganhou uma doação e repassou para a nossa sala e, depois, mais doações de vários brinquedos que enriqueceram ainda mais o nosso cantinho do Faz de Conta.

O espaço que a turma mais gostava de explorar era o do supermercado. Durante as brincadeiras, era possível observar o quanto eles traziam de suas vivências para aquele espaço. Segundo M.L. Castanheira “Ficou evidente que a cultura de pares daquele grupo de crianças foi caracterizada tanto pelo desenvolvimento de brincadeiras como pela investigação dos usos e sentidos da língua escrita de forma sistemática”. Neste espaço, eles dividiam entre si os personagens do supermercado: o dono, o caixa, o segurança e os clientes, que podiam ser apenas uma pessoa, ou a família. Era muito rico observar, pois ali eram trabalhadas várias questões de resoluções de problemas como: O que o dinheiro dá para comprar? O troco que deveria ser devolvido, levar as compras para casa, preparar a refeição etc.

As figuras abaixo demonstram como as crianças interagem no espaço.

Figura 6 - Brincando no Supermercado



Figura 7 Brincando no Supermercado



Figura 8 - Brincando no Supermercado



Em alguns momentos, o que me chamou a atenção foi que, mesmo que estivessem explicando algo, alguns alunos presentes na sala pareciam estar em outro espaço; alguns em algumas vezes brincavam com as próprias mãos e sempre que possível arrumavam um jeito de brincarem de pegador ou debaixo da bancada utilizando assim do jogo simbólico próprio.

Na organização da rotina da semana, deixamos para sexta-feira, definido como o dia de “Brincar”. Neste dia, cada criança podia trazer de casa seu brinquedo. Era um momento de socializar os brinquedos pessoais, além de também brincarem com os brinquedos da sala e um momento onde eu podia observar mais de perto as crianças e também fazer parte do mundo do faz de conta que eles criavam.

Figura 9 - Dia do Brincar



Figura 10 - Dia do Brincar



Figura 11 - Dia do Brincar



Figura 12 - Dia do Brincar



No capítulo seguinte vamos descrever como a Estação Matemática possibilitou a compreensão dos números/operações e espaço e forma.

Capítulo 6 – Descrevendo a prática na Estação Matemática

A Estação Matemática tinha vários artefatos concretos que são importantes para vivenciar várias experiências e promover a ideia de números. Na estação matemática foram exploradas várias atividades como:

1. O calendário que era feito diariamente: o ajudante do dia ia até o quadro e preenchia o espaço com o número daquele dia no calendário que ficava no mural da sala;
2. A contagem das crianças era feita diariamente e colocado no mural de quantos somos hoje? E quantas meninas e quantos meninos?
3. Utilizamos tampinhas para criar várias possibilidades do trabalho com os números e as com as cores;

Figura 13 - Jogo de quantidade



Figura 14 - Contando com tampinhas



4. O Boliche dos números de 0 a 9 foi muito explorado para identificação dos números pela criança;
5. A história da matemática procurando mostrar como surgiram os numerais;
6. Várias atividades de dominó dos números; escrita numérica, a tabela numérica feita para cada sala do 1º ciclo para possibilitar que a criança entendesse a sequência numérica;
7. O trabalho com a parlenda 1; 2, Feijão com arroz, onde também exploramos a quantidade e a escrita dos números até 10.
8. Na sala de jogos da escola, exploramos os jogos de varetas, jogos de montar, quebra-cabeça;

Figura 15 - Brincando de quebra cabeça



9. As formas espaciais ou sólidos geométricos foram exploradas utilizando a nossa caixa de sucata, mostrando para as crianças que, no nosso dia a dia,

encontramos diversos materiais que lembram as formas geométricas como: caixas, latas, brinquedos, frutas, quadro, carteiras, etc.

Figura 16 - Sucatas trazidas pelas crianças



10.O trabalho com o corpo também foi muito explorado, trabalhamos a lateralidade, alto, baixo, frente, costas.

11.O livro de matemática do Ensino Fundamental da Coleção Fazendo e Compreendendo apresenta um trabalho que aproxima o conhecimento da Matemática ao cotidiano do aluno, dentro e fora da escola, dando oportunidade aos alunos participarem ativamente como autores do processo de aprendizagem, o que auxiliou para enriquecer o trabalho na estação matemática, pois trabalhando com grupos menores foi possível ajudar os alunos na resolução de problemas, auxiliando o aluno a formular hipóteses, levantar possibilidades, comparar resultados e compreender conceitos. Dentre as atitudes que a coleção priorizava, se destaca a capacidade do aluno em aprender com o outro, de discutir, de aceitar regras, de procurar soluções para desafios, de ter convicção de suas próprias ideias e ser capaz de defendê-las, e encontrar estratégias para solucionar problemas e demonstrar disponibilidade para sempre aprender mais.

A linguagem matemática é de fundamental importância no cotidiano dos alunos. Ela surge como uma linguagem que possibilita as pessoas realizar contas e desenvolver outros conhecimentos. O aluno chega à escola com algum conhecimento, afinal presenciam situações diárias que envolvem o Sistema

Monetário, a contagem de objetos, pequenas operações, os Espaços em que convivem e algumas noções práticas de medidas.

Na escola, temos a oportunidade de sistematizar o conhecimento vivenciado pelo aluno no decorrer da sua vida familiar, buscando fazer um levantamento do conhecimento prévio que eles já possuem e, assim, propor atividades que possam ampliar o seu conhecimento no dia a dia.

A escola desenvolveu um projeto do Florin, onde o aluno que conseguia na maioria das vezes participar de forma harmoniosa na sala ganhava um Florin por dia. Essa moeda social possibilitou o início do trabalho com os fatos de adição e subtração com as crianças, pois, no final da semana, eles recebiam um envelope com seu dinheiro e, assim, faríamos a conta para ver quantos Florins cada um tinha. A aula funcionava como um Banco onde era feita a contagem e a troca do dinheiro, e, durante o semestre, foram realizadas duas feiras onde a criança podia comprar material escolar, brinquedo, roupas, guloseimas com seu Florin.

No último capítulo, a seguir, vamos descrever a prática na Estação das Artes como a Literatura Infantil contribuiu para o nosso trabalho artístico e também a oportunidade das crianças de manipularem os vários artefatos da estação.

Capítulo 7 – Descrevendo a prática na Estação das Artes

O principal objetivo das aulas de artes era estimular o processo de criatividade dos alunos, procurando garantir os campos definidos nas proposições curriculares: Campos das artes, campo da dança, campo da música e o campo do teatro.

Figura 17 - Trabalho de dobradura



O trabalho de artes era desenvolvido e também relacionado com a Literatura Infantil. Iniciamos o ano trabalhando com o Livro a Festa no Céu, realizando no primeiro momento após o contar e recontar a história várias atividades como:

1. O desenho de capas dos nossos cadernos de aula foram todos relacionados ao título do livro;
2. Pintura e desenhos dos animais que participaram da Festa;
3. Confeção da tartaruga com sucata, onde cada criança podia pintar e montar sua tartaruga;
4. Teatro do livro;

Várias outras possibilidades foram exploradas na estação das artes como:

1. No campo da música realizei o trabalho como o CD de música do Paulo Lobão – Vamos fazer música!!! As crianças podiam, além de ouvir, também fazer os movimentos propostos na música;

2. O trabalho com massinha era muito rico, pois eles criavam e recriavam usando da imaginação, faziam festas de aniversários, animais diversos, montagem de massinha com as tampinhas;

Figura 18 - Brincando com massinha



Figura 19 - Brincando com massinha



3. A parlenda 1.2 feijão com arroz, cada criança pintou uma caixinha para confecção da parlenda, que foi usada na estação da linguagem e da matemática;
4. Dobradura do Barquinho com jornal, após a leitura do Livro O Barquinho de Papel.

Figura 20 - Atividade de dobradura



CONCLUSÃO

Várias foram as discussões acerca da alfabetização e letramento durante o curso do LASEB, o que ampliou meu olhar com relação à minha prática como professora da turma do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Florestan Fernandes. Assumir a função de alfabetizar uma turma de 23 alunos não foi uma tarefa simples e que exigiu um empenho e um esforço diários, em meio há tantas pressões do sistema educacional. O primeiro grande desafio foi o que se entende por alfabetização e letramento. Durante as aulas da Professora Clenice Griffo, na Disciplina de Alfabetização e Letramento, destacou-se que alfabetização é a aquisição da tecnologia da escrita e acontece na interação do objeto de aprendizagem que é a escrita e pode começar em qualquer idade, quando o sujeito ou grupo inicia sua interação com o objeto de aprendizagem da alfabetização e por ser uma tecnologia pode terminar mais ou menos no final do segundo ciclo. E o letramento é o uso da tecnologia da escrita, o que significa que o letramento não tem fim.

Propor organizar a sala do primeiro ano em estações possibilitou, entre outras coisas, a interação da criança com o objeto de aprendizagem que é a escrita, o trabalho em grupos definidos de acordo com os níveis de desenvolvimento que a criança apresentava: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético, o que em alguns momentos eu, como professora, podia ajudar cada grupo do mesmo nível de desenvolvimento e outras vezes as crianças de níveis diferentes contribuíam umas com as outras. Geralmente, as atividades com o livro didático eram realizadas de forma coletiva nos grupos, pois neste momento era feita a exploração da leitura do texto e a palavra chave do texto, seguindo a ordem das consoantes. Essa atividade sempre era feita com entusiasmo pelas crianças, pois tinha que recortar a palavra no final do livro e colar letra por letra para formar a palavra, podendo assim ser explorado tanto a leitura, a escrita e a oralidade durante as atividades. O texto era ampliado para um cartaz onde se fazia a leitura em voz alta procurando trabalhar as convenções gráficas (direção e alinhamento da escrita, segmentação de palavras); compreender que existe diferença entre a escrita alfabética e outras formas gráficas; reconhecer as letras do alfabeto e as correspondências entre grafemas e fonemas; compreender a natureza do nosso sistema de escrita alfabético e entender que

existe uma forma convencional de escrever as palavras, que algumas têm regras e outras não, segundo as proposições curriculares.

Uma das grandes angústias como professora alfabetizadora em refletir se alfabetização aos seis anos estava sendo precoce ou não, me fez buscar compreender, através da minha prática na turma do 1º ano, que a criança, ao ingressar aos seis anos no Ensino Fundamental, deve ser respeitada durante seu aprendizado, levando em consideração seus sonhos e desejos e propondo um currículo, segundo Paraíso (2010a e 2012), como espaço de possibilidades e como território onde as forças podem “deformar” as formas de um currículo, instaurando um movimento que é fundamental para o aprender. Acredito que foi o que busquei fazer ao propor uma temática tão desafiadora em uma escola de Ensino Fundamental baseada na minha experiência na Educação Infantil, procurando organizar a sala de maneira prazerosa para recebê-los no Ensino Fundamental aos seis anos. Acredito que temos muitos desafios ainda pela frente sendo que um dos principais é buscar, de fato, uma interação da Educação Infantil com o Ensino Fundamental para que possa melhorar o diálogo e aprofundar nos estudos sobre a chegada da criança aos seis anos no Ensino Fundamental.

REFERÊNCIAS

BRASIL – Lei Federal 11.274. 2006

BRASIL. Secretária de Educação Básica. Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações gerais. Brasília, DF: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2004.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Concepções e Orientações Curriculares. Para Educação Básica Coordenação Geral do Ensino Fundamental. Ensino Fundamental de Nove Anos: passo a passo do processo de implantação. 2.ed.Brasília,DF Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2009.

Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de educação Básica, 2010 – Coleção Explorando o Ensino; v.19) Língua Portuguesa: ensino fundamental/Coordenação, Egon de Oliveira Rangel e Roxane Helena Rodrigues Rojo.

HORN, Souza, Maria da Graça, (2004) Sabores, Cores, Sons, Aromas: A Organização dos Espaços na Educação Infantil – Porto Alegre: Artmed.

Nova Escola, Ano XXIV, N. 225, setembro de 2009

PARÁISO, Marlucy Alves. Um currículo entre formas e forças: diferença, devir-artista da contadora de filmes e possibilidades de alegria em um currículo, In: FAVACHO. A.M.P.: PACHECO. J.A.:SALES. S.R. (orgs.). Currículo, conhecimento e avaliação:divergências e tensões. Curitiba. CRV. 2013.p.191-208.

Piccoli, L, Camini, (2012). Práticas pedagógicas em alfabetização: espaço, tempo e corporeidade. Erechim: Edelbra

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposições Curriculares Ensino Fundamental – Textos Introdutórios – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposições Curriculares Ensino Fundamental – Arte – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposições Curriculares Ensino Fundamental – Língua Portuguesa – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2010.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. Proposições Curriculares Ensino Fundamental – Matemática – Rede Municipal de Educação de Belo Horizonte, 2010.

SILVA, Ceris Salete Ribas da. O processo de alfabetização no contexto do ensino fundamental de nove anos. Língua Portuguesa – Ensino Fundamental. Brasília, MEC/SEB, 2010. (Coleção Explorando o Ensino).

SOARES, M. (1998). Letramento - Um tema em três Gêneros. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica.

V.F.A.NEVES, M.C.S. de Gouvêa, M. L. CASTANHEIRA.(2011) A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas.

